



## UM ESTUDO SOBRE COMO OS PROFESSORES VÊM A PROBLEMÁTICA DOS MENINOS DE RUA



Andréia BEREHULKA

Evanira Pereira da SILVA

Márcia Maria Silva MIRANDA

Alunas do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE

Waléria Martins de ARAÚJO

Professora Mestra do Curso de Pedagogia da Faculdade EDUVALE

### RESUMO

Este artigo pretende relatar um estudo sobre a situação social e econômica do país – os meninos de rua. Também pretende mostrar os resultados das entrevistas com professores sobre os meninos de rua e o papel da escola no combate a essa situação.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação, professor, meninos de rua.

-

-

### ABSTRACT

**This** article intends to tell a study about the social and economic situation of the country—the street boys. It also intends to show the results of the interviews with teachers on the street boys and the paper of the school in the combat to that situation.

**KEY WORDS-:** education, teacher, street boys.

-

“O Brasil é o mais rico entre os países com maior número de meninos de rua. Isso torna inexplicável a pobreza externa de 23 milhões de brasileiros, mas mostra que o problema pode ser atacado com sucesso”.

Ricardo Mendonça – Revista Veja, janeiro/2002.

-

-

O estado de pobreza que atinge grande parte da população do Brasil tem como uma de suas conseqüências uma constrangedora realidade: milhares de crianças e jovens vivendo nas ruas de nossos centros urbanos e nas periferias das cidades.

Segundo Nilda Teves (1999), essa situação impede o acesso de um segmento crescente de nossa juventude a bens sociais mínimos, tais como a educação, a saúde e a habitação. Essas crianças e esses adolescentes, por suas condições concretas de vida, caracterizam-se, sobretudo, pelo estado de abandono físico, material, afetivo e psicológico. Padecem, pois, de duplo afastamento: não estão integrados às suas famílias, nem tampouco à rede escolar.

Por outro lado, a escola, por sua própria organização e por seu próprio funcionamento, tem sérias dificuldades em trabalhar com esses alunos. Destituída de hábitos primários de socialização, dela são esperados ou cobrados procedimentos, atitudes e comportamentos que nem sempre encontram respostas. De um modo geral, essas crianças e esses jovens repudiam qualquer forma de confinamento, e ao ficarem horas a fio dentro da escola, muitas vezes tornam-se extremamente inconvenientes.

Assim, os professores têm uma função muito importante no sentido de encontrar uma metodologia de trabalho com essas crianças. Nesse sentido, para Nilda Teves (1999), trabalhar com meninos e meninas de rua, a fim de que possam reorganizar suas vidas e conviver harmoniosamente com as normas sociais, significa ajudá-los a forjar suas identidades, a se conhecerem melhor, a construir imagens positivas de si mesmos, a desenvolver sua auto-estima. Mas não pode ignorar que dentes cariados não

incomodam apenas na dor física; eles, muitas vezes, são inibidores do sorriso; pele doente causa repúdio até mesmo entre eles; roupas sujas e rasgadas depauperam a própria imagem. Contando com tudo isso, que auto-estima se pode esperar nessas crianças e nesses jovens? Daí porque uma imagem corporal positiva contribui para a auto-estima.

No que se refere a meninos e meninas de rua, é difícil saber exatamente o sentido que tudo isso tem para eles, como se vêem, como imaginam seu próprio corpo. Assim, sua educação demanda projetos muito mais complexos que aqueles destinados a crianças de classes populares que não romperam os vínculos familiares, que mantêm ainda relações afetivas com seus pais, que têm, mesmo que pobres, referência domiciliar. A moradia, melhor dizendo, a casa, por mais pobre que seja, é referência de identidade social.

Assim, é preciso que os professores tenham um conhecimento sobre as condições que levam as crianças a abandonarem suas casas. Esperando com isso contribuir para um melhor entendimento do mundo dessas crianças e desses jovens e, assim, apontar para caminhos possíveis de serem trabalhados de forma competente, evitando a banalização das relações.

Dessa forma, realizamos esse trabalho com o objetivo de verificar como são vistos os meninos de rua pelos professores. Para isso, aplicamos um questionário com quatro professores de 5ª a 8ª série, nomeados de 1 a 4, e selecionados a partir de conversas preliminares sobre o assunto.

Portanto, a seguir procuramos comentar as respostas dos professores entrevistados:

### 1.1. Concepção sobre os meninos de rua.

Inicialmente perguntamos sobre a visão que os professores entrevistados possuem acerca da problemática dos meninos de rua e o porquê o Brasil é considerado campeão em meninos de rua. As respostas foram:

*“Vejo como falta de estruturação e investimentos, na educação e no planejamento familiar. (...) Bom, nunca achei nada. Contudo, sabemos que esse fato é real. Concordo com o jornalista Gilberto Dimenstein, em seu livro O cidadão de papel (1998), onde faz um estudo profundo sobre a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil, e comenta: ‘A descoberta das engrenagens é a descoberta do desemprego, da falta de escola, da migração, da desnutrição, do desrespeito sistemático aos direitos humanos. Com essa comparação, vamos observar como é a cidadania brasileira, que é garantida nos papéis, mas não existe de verdade. (...) A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. (...) Nenhum país conseguiu progredir sem investir na educação...’ A criança vem de uma família sem estrutura; se não há investimentos nela, esta formará outra família sem estrutura, e assim, dá-se um círculo vicioso.” (Professor 1)*

*“Como uma fatalidade. A falta de amor, carinho, a fome, a miséria, o preconceito, tudo isso leva a termos tantas crianças soltas pelas ruas, precisando de amparo. (...) Justamente pelo individualismo social. O preconceito de classes.” (Professor 2)*

*“Eu vejo de forma preocupante, pois cada dia cresce mais esse número. Só as Organizações não governamentais (ONG) não conseguem acabar com esse problema. (...) Por causa da má distribuição de renda e do desequilíbrio familiar, que dá origem ao abandono dos lares, violência, drogas, prostituição, etc.” (Professor 3)*

*“Vejo o problema de meninos de rua com muita tristeza, pois é muito doloroso ver tantas crianças ainda inocentes, imaturas, de pouca idade, já vivendo e presenciando o que talvez só um adulto possa ver, ou mesmo fazer. É muito triste, e sozinha, não pode fazer nada. A realidade do nosso país hoje, é crianças fora da escola, fora do seio da família, deixando de ter o amor e os conhecimentos necessários para a formação do seu caráter. (...) Infelizmente o Brasil é realmente campeão também em meninos de rua. E esse problema é gerado através da desigualdade social, do desemprego, do baixo salário, onde os pais não conseguem sustentar suas famílias, tendo às vezes, de mandar seu próprio filho (a) para rua, para ajudá-los em casa. Isso é uma vergonha para o Brasil, um país rico e onde vive a maioria na miséria.” (Professor 4)*

Portanto, a maioria vê o problema de uma forma preocupante e com muita tristeza, pois é muito doloroso ver tantas crianças ainda inocentes nas ruas. A realidade do nosso país hoje, é crianças fora da escola, fora do seio da família, deixando de ter o amor e os conhecimentos necessários para a formação do seu caráter.

## 1.2. PROSTITUIÇÃO INFANTIL E DROGAS

Perguntamos também sobre a prostituição infantil na cidade e por que tantos jovens procuram as drogas:

*“Se não estou desinformada, casos como este (prostituição infantil), são desconhecidos em nossa cidade, não? (...) Para tentar encontrar nela, ou através dela, algo que preencha o vazio provocado pela falta de compreensão familiar, ou pelo simples prazer de experimentar.” (Professor 1)*

*“Não posso discutir isto. Pois moro há pouco tempo nesta cidade. São poucos os casos que escuto. (...) Acredito eu, que grande parte seja de curiosidade e outra a falta de informações.” (Professor 2)*

*“Na minha cidade ainda não se tem notícias de prostituição infantil, por ser uma pequena cidade onde todos se conhecem. (...) Por influência das companhias, do desequilíbrio familiar em todos os sentidos.” (Professor 3)*

*“Mesmo sendo uma cidade pequena, existe a prostituição infantil, vindo das famílias menos favorecidas, menos esclarecidas, onde também a pobreza impera, que é a periferia, onde sempre fica os menos favorecidos. (...) Os jovens procuram as drogas por falta de opção de atividades que possam preencher o seu tempo vazio. Também não encontra às vezes, diálogo na família. Tudo isso leva o jovem a procurar as drogas fora de casa. ” (Professor 4)*

A maioria respondeu que a prostituição infantil vêem das famílias onde também a pobreza impera, que é a periferia, onde sempre fica os menos favorecidos. E os jovens procuram as drogas por falta de opção de atividades que possa preencher o seu tempo vazio. Também não encontra, às vezes, diálogo na família. Tudo isso leva os jovens a procurarem as drogas e a prostituição.

## 1.3. A FOME

Perguntamos também sobre um assunto de grande importância, que é a fome em nossa cidade, e como agir para amenizar esse tipo de problema.

*“Com certeza. Desemprego, doenças que impossibilitam de trabalhar, salário reduzido para uma família grande.” (Professor 1)*

*“Há uma grande porcentagens de famílias carentes em minha cidade. A grande causa para mim é o desemprego.” (Professor 2)*

*“Poucas pessoas passam fome, pois trata-se de um município solidário.” (Professor 3)*

*“Acredito que nossa cidade não existe totalmente pessoas que passam fome e sim dificuldades, porque além de ser pequena, as pessoas ainda são solidárias e ajudam. Mas as causas que levam a isso, é o desemprego, para que essas famílias vivam dignamente. ” (Professor 4)*

A maioria disse que é o desemprego, doenças que impossibilitam de trabalhar, salário reduzido para uma família grande. Percebe-se também a ação de entidades religiosas que atuam no sentido de ajudar os mais necessitados.

## 1.4. O papel das autoridades

Perguntamos aos professores sobre se achavam que as autoridades competentes tem como solucionar o problema dos meninos de rua.

*“Se cessar a corrupção, o desvio do dinheiro público, e surgir a vontade de se fazer cumprir as leis que garantam o direito do cidadão, é possível.” (Professor 1)*

*“É claro que sim! Se tivessem um pouco de carinho no que fazem, não ligando tanto para o que ganham, seria bem mais fácil lidar com esse problema.” (Professor 2)*

*“Sim, é só fazer projeto voltado estritamente para esse problema e manter no dia-a-dia essa instituição, que dela sairá vários cidadãos dignos de exercer a sua cidadania.” (Professor 3)*

*“As autoridades competentes, mesmo não dando conta de solucionar totalmente esse problema, têm por*

obrigação de tentar, procurar meios onde essas crianças voltem para casa, para a escola, para o meio social. Para isso, devem montar projetos comunitários, oficinas de trabalhos, para que ocupe o tempo livre dessas crianças. E há muitos outros meios, pois os políticos têm acesso ao dinheiro público, onde pode custear muitos tipos de projetos em prol dessas crianças.” (Professor 4)

Alguns professores disseram que as autoridades competentes, mesmo não dando conta de solucionar totalmente esse problema, tem por obrigação tentar, procurar meios onde essas crianças voltem para casa, para a escola, para o meio. Para isso, devem montar projetos comunitários, oficinas de trabalhos, para que ocupe o tempo livre dessas crianças. E há muitos outros meios, pois os políticos tem acesso ao dinheiro público, onde pode custear muitos tipos de projetos em prol dessas crianças.

## **1.5. O PAPEL DA ESCOLA**

Perguntamos se o colégio onde trabalham já promoveu algum evento visando à conscientização do jovem para os problemas da criança e do adolescente, e também, que ações concretas a escola, grupo ou comunidade realizam para amenizar a fome. Eis as respostas:

“Sim. Palestras, debates, encontros com a família. (...) Percebo que grupos como entidades espíritas ou religiosas, são mais atuantes nesse sentido. Distribuem alimentos prontos ou em forma de cestas básicas, adquiridas por meio de contribuições da própria comunidade.” (Professor 1)

“De todos os colégios que já atuei não me lembro de Ter visto algum evento assim. (...) Fazemos campanhas para arrecadar agasalhos e comidas. Assim, estaremos ajudando muitas famílias, evitando que elas passem fome.” (Professor 2)

“Não. (...) Fazem campanhas, onde arrecadam alimentos para formar cestas básicas que são distribuídas às crianças carentes.” (Professor 3)

“Minha escola promove sempre eventos com dramatizações, teatros, conscientizando os nossos alunos dos problemas que afeta a criança e o adolescente. (...) A nossa escola faz campanhas de alimentos sempre. São arrecadados muitas cestas básicas, através dos alunos e toda comunidade escolar e doadas às famílias carentes de nosso município. Além da escola, vários grupos comunitários também fazem essas ações concretas.” (Professor 4)

É interessante observar nas respostas dos professores que muitas escolas não fazem nenhum trabalho de conscientização acerca de problemas sociais como os meninos de rua, pobreza, fome e outros. Aliás, quem promove esse tipo de trabalho são os grupos religiosos ou comunitários.

O que devia acontecer é haver maior preocupação por parte das escolas, como ocorre em algumas das escolas onde atuam alguns dos professores entrevistados.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que podemos observar nas respostas dos professores entrevistados é o entendimento da problemática dos meninos de rua. Assim, os professores demonstram entender a importância de um trabalho com as crianças carentes, no que se refere a fome, miséria, prostituição infantil, drogas e outros.

Contudo, quando pergunta-se o que a escola tem feito para atender as necessidades das crianças carentes, descobrimos que poucas escolas procuram solucionar a problemática dessas crianças.

É preciso, portanto, que todos os envolvidos nas escolas, inclusive professores, compreendam o papel da educação na solução dos problemas sociais.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

TEVES, Nilda; RANGEL, Mary. **Representação social e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1999. (Coleção magistério formação e trabalho pedagógico).

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. SP: Brasiliense, 1986.